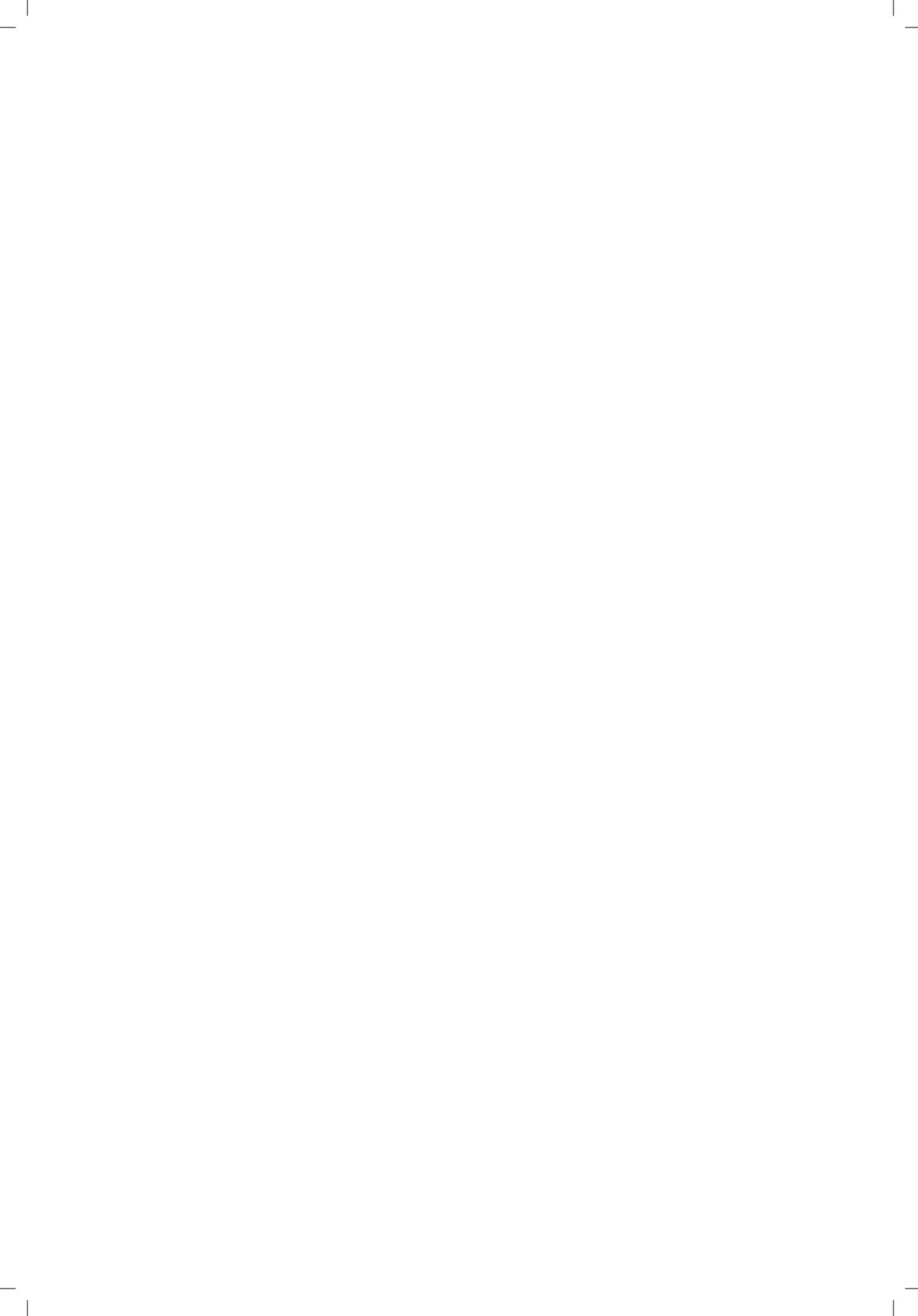


**PARA SEMPRE
INTERROMPIDO**



TAYLOR JENKINS REID

**PARA SEMPRE
INTERROMPIDO**

Tradução

ALEXANDRE BOIDE

PA **RA** **DE** **SE**

Copyright © 2013 by Taylor Jenkins Reid

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Graça atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL *Forever, Interrupted*

CAPA Joana Figueiredo

FOTO DE CAPA Paopano/Shutterstock

PREPARAÇÃO Antonio Castro

REVISÃO Jasceline Honorato e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reid, Taylor Jenkins

Para sempre interrompido / Taylor Jenkins Reid ;
tradução Alexandre Boide. — 1^a ed. — São Paulo : Paralela,
2021.

Título original: *Forever, Interrupted*

ISBN 978-85-8439-231-5

1. Ficção norte-americana I. Título.

21-72697

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

editoraparalela.com.br

atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br

facebook.com/editoraparalela

instagram.com/editoraparalela

twitter.com/editoraparalela

*Para Linda Morris
(por ler as histórias policiais de uma menina de doze anos)*

*E para Alex Reid
(um homem por quem o mundo inteiro deveria se apaixonar)*



Toda manhã, quando acordo, por uma fração de segundo esqueço que você não está mais aqui e estendo o braço para te procurar. Tudo o que encontro é uma cama fria. Meus olhos se voltam para nossa foto em Paris, na mesinha de cabeceira, e sinto uma alegria imensa porque, mesmo que tenha sido só por um breve momento, eu te amei e você me amou.

Post no Craigslist, Chicago, 2009



PARTE UM



Junho

“Já decidiu se vai mudar seu sobrenome?”, Ben me pergunta. Ele está do outro lado do sofá, massageando meus pés. É tão gato. Como foi que eu arrumei alguém tão incrivelmente gato?

“Tenho pensado no assunto”, provoco. Já pensei bastante. Eu abro um sorriso. “Acho que vou mudar, sim.”

“Sério?”, ele pergunta, todo animado.

“Você gostaria disso?”, questiono.

“Está brincando?”, ele diz. “Quer dizer, você não é obrigada. Se achar que é uma coisa ofensiva ou... sei lá, sentir que está renegando seu próprio nome. Quero que você tenha o sobrenome que quiser. Mas se esse sobrenome por acaso for o mesmo que o meu” — Ben fica um pouco vermelho — “isso seria muito legal.”

Ele é meio que atraente demais para ser um marido. Quando a gente pensa em maridos, o que vem à mente são caras barrigudos e carecas que tratam as mulheres como lixo. Só que o meu marido é atraente. Ele é jovem, alto, forte. É perfeito. Estou parecendo uma idiota. Mas é assim que deve ser, não? Como recém-casada, é para eu ver o mundo cor-de-rosa. “Eu estava pensando em mudar para Elsie Porter Ross”, digo a ele.

Ben para de massagear meus pés por um instante. “Isso é muito sexy”, ele diz.

Eu dou risada. “Por quê?”

“Sei lá”, ele responde, voltando a massagear meus pés. “Deve ser um troço bizarro de homem das cavernas. Mas gosto dessa ideia de a gente ser os Ross. O sr. e a sra. Ross.”

“Gostei disso!”, digo. “Sr. e sra. Ross. É mesmo sexy.”

“Não falei?”

“Então está decidido. Assim que receber a certidão de casamento, vou mandar pro Departamento de Trânsito, ou para quem quer que cuide disso.”

“Que demais”, ele diz, soltando meus pés. “Muito bem, Elsie Porter Ross. Minha vez.”

Eu seguro os pés dele. Ficamos em silêncio por um tempo, enquanto massageio distraída seus dedos por cima das meias. Minha mente começa a divagar, e de repente chego a uma constatação surpreendente: estou com fome.

“Você está com fome?”, pergunto.

“Agora?”

“Eu queria muito comer uns Fruity Pebbles agora, não sei por quê.”

“A gente não tem cereal aqui em casa?”, Ben pergunta.

“Até tem. Mas é que... quero Fruity Pebbles.” Só temos cereais matinais para adultos em casa, aqueles marrons enriquecidos com fibras.

“Bom, vamos comprar, então? Com certeza ainda tem algum lugar aberto. Na verdade, eu posso ir pra você.”

“Não! Não posso te deixar fazer isso. Eu estaria sendo muito folgada.”

“Você estaria sendo muito folgada, mas você é minha mulher e eu te amo, e quero que os seus desejos sejam atendidos.” Ele começa a se levantar.

“Não, é sério, não precisa fazer isso.”

“Eu vou.” Ben sai da sala e volta logo em seguida com a bicicleta e os sapatos.

“Obrigada!”, eu digo, agora esparramada no sofá, ocupando o espaço que ele acabou de deixar vago. Ben sorri pra mim, abre a porta e sai com a bicicleta. Escuto quando ele a apoia no descanso, e sei que agora vai voltar para se despedir.

“Eu te amo, Elsie Porter Ross”, ele diz, e se inclina sobre o sofá para me beijar. Está de capacete e luvas, e sorri para mim. “Eu adoro dizer esse nome.”

Abro um sorriso enorme. “Eu te amo!”, digo. “Obrigada.”

“De nada. Te amo! E já volto.” Ele fecha a porta ao sair.

Apoio melhor a cabeça e pego um livro, mas não consigo me con-

centrar. Sinto falta dele. Vinte minutos se passam e começo a ansiar por sua volta, mas a porta não se abre. Não escuto ninguém na escada.

Quando já faz meia hora que Ben saiu, ligo no celular dele. Caixa postal. Minha mente começa a cogitar mil possibilidades. São todas exageradas e absurdas. Ele conheceu outra pessoa. Parou em um clube de strip-tease. Ligo de novo enquanto meu cérebro começa a lidar com possibilidades mais realistas, e que por isso mesmo são mais assustadoras. Quando ele não atende mais uma vez, me levanto do sofá e saio para a rua.

Não sei o que esperava encontrar, mas olho de um lado para outro da rua em busca de algum sinal dele. Eu sou maluca por achar que pode ter acontecido alguma coisa? Fico indecisa. Tento manter a calma e digo a mim mesma que ele deve ter ficado preso em algum engarrafamento impossível de contornar, ou talvez tenha encontrado um amigo que não via fazia tempo. Os minutos começam a passar mais devagar. Parecem horas. Cada segundo é insuportavelmente longo.

Sirenes.

Escuto as sirenes vindo na minha direção. Vejo as luzes piscantes se projetando sobre os telhados da minha rua. O barulho estridente parece me chamar. Consigo ouvir meu nome naquele padrão escandaloso e repetitivo: *El-sie. El-sie.*

Começo a correr. Quando chego ao fim da rua, sinto o cimento gelado sob meus pés. Minha calça de moletom é fina demais para me proteger do vento, mas continuo correndo até encontrar a fonte de toda aquela comoção.

Vejo duas ambulâncias e um caminhão dos bombeiros. Algumas viaturas da polícia começam a cercar a área. Corro até lá como se as minhas pernas agissem por vontade própria. Alguém está sendo colocado em uma maca. Um caminhão de mudanças está tombado na lateral da rua. As janelas estão quebradas, e tem vidro espalhado ao redor. Observo mais atentamente o caminhão, tentando entender o que aconteceu. Nesse momento, percebo que não é só vidro. O asfalto também está coberto de pedacinhos de outra coisa. Eu me aproximo e vejo um deles aos meus pés. É um Fruity Pebble. Olho ao redor, rezando para não encontrar a única coisa que não quero ver, mas é o que encontro. Bem na minha

frente — como pude não perceber? —, enfiada até a metade no caminhão, está a bicicleta dele. Amassada e retorcida.

O mundo inteiro fica em silêncio. As sirenes param. A cidade se paralisa. Meu coração começa a bater tão rápido que sinto o sangue pulsando no meu cérebro. Está tão quente aqui. Quando foi que isso aconteceu? Não consigo respirar. Acho que não sei mais respirar. Não estou respirando.

Só percebo que estou correndo quando chego à ambulância. Começo a bater na lataria. Dou alguns pulos para bater na janela, que é alta demais para eu conseguir alcançar. Enquanto faço isso, só o que escuto é o barulho dos Fruity Pebbles sendo esmagados sob os meus pés. Estou moendo os cereais coloridos no chão cada vez que pulo. Partindo em milhões de pedacinhos.

A ambulância arranca. Ele está lá dentro? Ben está lá dentro? Estão tentando mantê-lo vivo? Ele está bem? Está machucado? Talvez esteja sendo atendido só por protocolo, mas na verdade está bem. Talvez esteja em algum lugar por aqui. Talvez quem esteja na ambulância seja o motorista. Aquele cara só pode estar morto, né? Sem chance de ter sobrevivido. Então deve estar tudo certo com Ben. É assim que funciona o carma em acidentes: o culpado morre, o inocente sobrevive.

Eu me viro para olhar ao redor, mas não vejo Ben em lugar nenhum. Começo a gritar seu nome. Sei que está tudo bem com ele. Tenho certeza. Só preciso que isso acabe de uma vez. Só querovê-lo com um ou outro arranhão e ouvir que está tudo sob controle e que ele já pode ir para casa. Vamos para casa, Ben. Aprendi a lição e nunca mais vou deixar você fazer nenhum favor idiota para mim. Já aprendi a minha lição; vamos para casa.

“*Ben!*”, grito para a noite. Está tão frio. Quando foi que esfriou tanto? “*Ben!*”, eu berro de novo. Sinto que estou andando em círculos, até ser barrada por um policial.

“*Senhora*”, ele diz ao me segurar pelo braço. Eu continuo gritando. Ben precisa me ouvir. Precisa saber que estou aqui. Precisa saber que é hora de ir para casa. “*Senhora*”, repete o policial.

“*Quê?*”, grito na cara dele. Solto meu braço e me viro para o outro lado. Tento atravessar aquilo que é claramente uma barreira de isola-

mento. Sei que quem isolou a área me deixaria passar. Qualquer um entenderia que eu só preciso encontrar meu marido.

O policial me alcança e me segura de novo. “Senhora!”, ele diz, mais firme dessa vez. “A senhora não pode ficar aqui agora.” Ele não entende que aqui é exatamente onde eu *preciso* estar agora?

“Tenho que encontrar o meu marido!”, explico. “Ele pode estar machucado. Essa é a bicicleta dele. Preciso saber onde ele está.”

“Senhora, seu marido foi levado para o Cedars-Sinai. Você tem como chegar até lá?”

Meus olhos estão voltados para o policial, mas não entendo o que ele está me dizendo.

“Onde ele está?”, pergunto. Preciso que ele diga de novo. Não estou entendendo.

“Senhora, seu marido está a caminho do Centro Médico Cedars-Sinai. Está sendo conduzido às pressas para o pronto-socorro. Quer que eu a leve até lá?”

Ele não está aqui?, eu penso. Estava naquela ambulância?

“Ele está bem?”

“Senhora, eu não posso...”

“Ele está bem?”

O policial olha para mim. Em seguida, tira o quepe da cabeça e coloca na frente do peito. Eu sei o que isso significa. Já vi esse mesmo gesto sendo feito diante de viúvas de guerra em filmes de época. Começo a soluçar violentamente.

“Eu preciso ver o meu marido!”, grito entre as lágrimas. “Preciso ver o meu marido! Preciso ficar do lado dele!” Caio de joelhos no meio da rua, amassando mais cereais coloridos. “Ele está bem? Preciso ficar lá com ele. Só me diz se ele está vivo.”

O policial me olha com pena e culpa. Nunca havia visto essa mistura no rosto de uma pessoa, mas é fácil de reconhecer. “Senhora. Eu sinto muito. O seu marido...”

O policial não está agitado; não está cheio de adrenalina como eu. Sabe que não adianta ter pressa. Sabe que o cadáver do meu marido pode esperar.

Não permito que ele termine a frase. Já sei o que vai ser dito, e não

consigo acreditar. Me recuso a acreditar. Grito com ele, começo a esmurrar seu peito. É um homem enorme, de mais de um metro e noventa, muito maior que eu. Me sinto uma criança. Mas isso não me detém. Continuo chorando e batendo. Tenho vontade de dar um tapa na cara dele. Um chute. Quero que ele sinta a mesma dor que eu.

“Ele faleceu com o impacto do acidente. Eu sinto muito.”

Nesse momento, eu vou para o chão. Tudo começa a girar. Consigo ouvir minha pulsação, mas não o que o policial está dizendo. Eu não imaginava que isso pudesse acontecer. Pensei que tragédias só acontecessem com gente arrogante e presunçosa. Que não atingissem pessoas como eu, que sabem como a vida é frágil, que respeitam a autoridade de um poder maior. Mas aconteceu. Aconteceu comigo.

Meu corpo se acalma. Meus olhos secam. Meu rosto para de se controrcer, e meu olhar se volta para um andaime e se fixa lá. Meus braços estão dormentes. Não sei se estou de pé ou sentada.

“O que aconteceu com o motorista?”, pergunto ao policial, calma e controlada.

“Como?”

“O que aconteceu com a pessoa que estava dirigindo o caminhão?”

“Ele faleceu, senhora.”

“Ótimo”, digo a ele. Como se fosse uma sociopata. O policial se limita a assentir com a cabeça, talvez indicando um acordo tácito de que vai fingir não ter ouvido aquilo, e que eu posso fingir que não acabei de desejar a morte de outra pessoa. Mas não me arrependo.

Ele segura minha mão e me leva até o banco da frente de sua viatura. Liga a sirene para se locomover em meio ao trânsito, e vejo as ruas de Los Angeles passando em velocidade rápida. Nunca me pareceram tão feias.

Quando chegamos ao hospital, o policial me deixa sentada na sala de espera. Estou tremendo tanto que faço a cadeira tremer junto.

“Preciso ir até lá”, digo a ele. “Preciso ir até lá!”, grito mais alto. Leo o nome na placa de identificação em seu uniforme. Policial Hernandez.

“Eu entendo. Vou tentar descobrir tudo o que for possível. Acho que deve ter algum assistente social para conversar com você. Já volto.”

Consigo escutá-lo, mas não esboço nenhuma reação ou sinal de entendimento. Só fico sentada na cadeira, olhando para a parede. Sinto minha cabeça balançando de um lado para outro. Percebo que estou levantando e indo até o balcão das enfermeiras, mas paro ao notar que o policial Hernandez está voltando. Está acompanhado de um baixinho de meia-idade, usando uma camisa azul e uma gravata vermelha. Aposto que esse idiota pensa que aquela é sua gravata da sorte. E que acha que vai ter um bom dia quando a usa.

“Elsie”, ele diz. Eu devo ter dito meu nome para o policial Hernandez. Não me lembro disso. Ele estende a mão para me cumprimentar. Não vejo motivo para formalidades em meio a uma tragédia. Eu o deixo com a mão estendida. Antes de tudo isso, eu jamais me recusaria a cumprimentar alguém. Sou educada. Às vezes, até boazinha demais. Não sou o tipo de pessoa considerada “difícil” ou “encrenqueira”.

“Você é a esposa de Ben Ross? Está com algum documento de identificação?”, o homem me pergunta.

“Não. Eu... eu saí correndo de casa. Eu não...” Olho para os meus pés. Estou inclusive descalça, e esse homem acha que eu estou com a minha carteira de motorista?

O policial Hernandez vai embora. Percebo quando ele se afasta devagar, todo sem jeito. Deve achar que seu trabalho já está feito. Gostaria de estar na posição dele. Gostaria de poder me afastar de tudo isso e ir para casa. Eu iria para casa com meu marido, para nossa cama quentinha. Meu marido, uma cama quente, e uma bosta de uma tigela de Fruity Pebbles.

“Infelizmente, você não pode ir até lá, Elsie”, diz o homem de gravata vermelha.

“Por que não?”

“Os médicos ainda estão trabalhando.”

“Ele está vivo?”, grito. Como a esperança volta rápido.

“Não, eu sinto muito.” Ele sacode a cabeça. “Seu marido morreu há pouco. Mas era listado como doador de órgãos.”

Me sinto como se estivesse em um elevador despencando rumo ao chão. Estão arrancando pedaços dele e dando para outras pessoas. Ele está sendo esvaziado.

Eu volto a me sentar na cadeira, morta por dentro. Uma parte de mim sente vontade de gritar com esse homem para me deixar ir até lá. Para me deixar ir vê-lo. Quero atravessar aquelas portas duplas e ir encontrá-lo, abraçá-lo. O que estão fazendo com ele? Mas estou paralisada. Eu também morri.

O homem de gravata vermelha se retira por um instante e volta com um chocolate quente e um par de chinelos. Meus olhos estão secos e cansados. Mal consigo enxergar. Todos os meus sentidos parecem embotados. Me sinto presa no meu próprio corpo, isolada de todos ao meu redor.

“Você quer que a gente ligue para alguém? Para os seus pais?”

Faço que não com a cabeça. “Ana”, digo. “Preciso ligar para Ana.”

Ele põe a mão no meu ombro. “Você pode anotar o número da Ana para mim? Eu ligo para ela.”

Faço que sim com a cabeça, e ele me entrega um papel e uma caneta. Demoro um tempinho para me lembrar. Escrevo o número errado algumas vezes até acertar, mas tenho certeza de que entreguei o telefone certo quando devolvo o papel.

“E o Ben?”, pergunto. Não sei exatamente o que quero saber. Só que... ainda me recuso a desistir. Não é possível que eu já esteja na fase de ligarem para alguém para me levarem para casa. A gente precisa entrar nessa

luta, não? Preciso encontrá-lo e salvá-lo. Como é que eu faço para encontrá-lo e salvá-lo?

“As enfermeiras já ligaram para o familiar mais próximo dele.”

“Quê? A pessoa mais próxima dele sou eu.”

“Ao que parece, na carteira de motorista dele constava um endereço em Orange County. Temos a obrigação legal de notificar a família.”

“E para quem vocês ligaram? Quem está vindo para cá?” Mas na verdade já sei quem é.

“Vou tentar descobrir. E vou ligar para Ana. Volto daqui a pouco, está bem?”

Concordo com a cabeça.

No saguão, posso ver e ouvir outras pessoas à espera. Algumas parecem preocupadas, mas a maioria parece bem. Tem uma mãe com uma filha jovem. Estão lendo um livro. Tem um garotinho com uma bolsa de gelo no rosto ao lado de um pai que parece irritado. Tem um casal de adolescentes de mãos dadas. Não sei por que estão aqui, mas, a julgar pelo sorriso no rosto e pelo jeito como estão se tocando, só posso supor que não é nada terrível e... sinto vontade de gritar com eles. Quero dizer que prontos-socorros são para emergências, e que eles não deveriam estar aqui se estão tão felizes e despreocupados assim. Que eles deviam ir para casa e ser felizes em outro lugar, porque não sou obrigada a ver isso. Nem me lembro de como é se sentir assim. Não sei mais nem como era ser eu mesma antes de tudo isso acontecer. Só o que sinto é um medo esmagador. Isso e raiva desses dois merdinhos que não param de sorrir bem na minha cara.

Sinto ódio deles e das malditas enfermeiras, que estão trabalhando normalmente, como se esse não fosse o pior dia da vida delas. Fazem ligações, tiram cópias e bebem café. Sinto ódio delas por serem capazes de beber café em um momento como este. Sinto ódio de todo mundo neste hospital, porque ninguém está se sentindo arrasado.

O homem de gravata vermelha volta e diz que Ana está a caminho. Ele pergunta se pode se sentar e esperá-la comigo. Dou de ombros. Por mim, ele pode fazer o que quiser. Sua presença não me traz consolo nenhum, mas me impede de levantar e gritar com alguém por estar comendo chocolate em um momento como este. Minha mente se recorda

dos Fruity Pebbles espalhados pela rua, e sei que vão estar lá quando eu voltar para casa. Sei que ninguém limpou porque ninguém tem como saber o quanto pode ser apavorante olhar para eles de novo. Então penso no motivo estúpido que causou a morte de Ben. Ele morreu por causa de uma caixa de Fruity Pebbles. Seria engraçado se não fosse tão... Na verdade, nunca vai ser engraçado. Nada disso tem graça. Muito menos eu ter perdido meu marido por causa de uma vontade repentina de comer um cereal infantil inspirado no desenho dos Flintstones. Sinto ódio de mim mesma por isso. É quem eu mais odeio.

Ana aparece em pânico. Não sei o que o homem de gravata disse a ela. Ele se levanta para cumprimentá-la quando ela vem na minha direção. Consigo ver os dois conversando, mas não escuto nada. A conversa dura só um instante, e então ela vem até mim e me abraça. Eu me deixo abraçar, mas não tenho energia para retribuir o gesto. Deve ser como abraçar uma estátua. Ela murmura “Eu sinto muito” no meu ouvido, e eu desmorono em seus braços.

Não tenho nenhuma vontade de me conter, nenhum desejo de esconder meu sofrimento. Estou aos prantos na sala de espera. Chorando e soluçando no peito dela. Em qualquer outro momento da minha vida, eu teria me afastado dessa parte de seu corpo. Ficaria desconfortável por estar com os olhos e os lábios tão próximos de uma zona erógena, mas neste momento, sexo me parece algo trivial e estúpido. Parece uma coisa que idiotas fazem para matar o tempo. Aqueles adolescentes felizes devem fazer só por diversão.

Os braços dela não me confortam. As lágrimas escorrem dos meus olhos como se eu estivesse fazendo força para pôr tudo para fora, mas não estou. Estão caindo sozinhas. Não estou nem triste. Meu sofrimento é tão maior que um simples choro que chego a me sentir ridícula.

“Você já viu ele, Elsie? Eu sinto muito, muito mesmo.”

Eu não respondo. Ficamos sentadas no chão da sala pelo que parecem ser horas. Às vezes choro, às vezes não sinto nada. Na maior parte do tempo, fico aninhada nos braços de Ana, não porque preciso, mas porque não quero ter que encará-la. Por fim, Ana se levanta, me deixa encostada na parede, vai até o balcão das enfermeiras e começa a gritar.